

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: ÉTICA,**  
**POLÍTICA E EDUCAÇÃO**

**ÉLIO DA SILVA**

**A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO NA FILOSOFIA DE KANT: CONTRIBUIÇÕES**  
**PARA PENSAR A EDUCAÇÃO ATUAL DO INFANTIL AO ENSINO MÉDIO**

**CURITIBA**  
**2013**

**ÉLIO DA SILVA**

**A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO NA FILOSOFIA DE KANT: CONTRIBUIÇÕES PARA  
PENSAR A EDUCAÇÃO ATUAL DO INFANTIL AO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao curso de Pós- Graduação, Nível Especialização em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação, da Universidade Federal do Paraná, como requisito à obtenção do Título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Celso de Moraes Pinheiro.

**CURITIBA**

**2013**

**ELIO DA SILVA**

**A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO NA FILOSOFIA DE KANT: CONTRIBUIÇÕES PARA  
PENSAR A EDUCAÇÃO ATUAL DO INFANTIL AO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Filosofia da  
Educação: Ética Política e Educação, do Setor de Educação da  
UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista,  
sob avaliação da seguinte banca examinadora:

Prof.

Departamento de Filosofia, UFPR

Prof.

Departamento de Filosofia, UFPR

Orientador:

Prof. Dr. Celso de Moraes Pinheiro

Departamento de Filosofia, UFPR

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## **RESUMO**

Na filosofia da educação kantiana toma-se como ponto de partida a existência de um “sentido” para a espécie humana um sentido que tem uma finalidade, isto é, a moralidade. “O homem não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação”. A educação tem como função principal conduzir o ser humano ao estado de poder atingir a maioridade fazendo com que este busque o esclarecimento. Para Kant, o homem é a única criatura que possui razão, nisso, é a única criatura que pode ser educada e deve ser educada. A razão só pode ser desenvolvida através da educação. A concepção de educação colocada por Kant traz a ideia de “esclarecer” os sujeitos tornando-os conscientes de sua ação no mundo, desde uma perspectiva de totalidade e de superação da fragmentação, ou seja, passar da “animalidade” a “humanidade”. Kant faz a divisória da sua doutrina da educação em duas partes, a saber; física e prática. A educação física é composta de duas partes, isto é; pela disciplina como parte negativa que abrange os cuidados e pela instrução como parte positiva que abrange à cultura ou o direcionamento. A educação prática ou moral trata da formação do homem como um ser livre no entendimento, compreensão e vivência das leis morais, podendo bastar-se a si mesmo constituindo-se como membro da sociedade. A educação em Kant tem como finalidade a perfeição moral do homem, cumpre ao mesmo tempo, a finalidade da filosofia moral e política. O homem por si só não atinge a perfeição, isso acontece somente na humanidade como progresso da espécie humana. O presente trabalho tem como objetivo estabelecer as relações entre a concepção pedagógica exposta na obra Sobre a Pedagogia, e a noção de esclarecimento proposta por Kant. Nisso busca-se refletir sobre a seguinte questão: como a educação proposta por Kant pode contribuir para estabelecer uma crítica à educação atual e levar o aluno já a partir dos anos iniciais até o ensino médio a desenvolver em si a condição de pessoa?

**Palavras-chaves: Educação, Kant, Finalidade da educação, moralidade.**

## **ABSTRACT**

In Kantian philosophy of education take as starting point the existence of a "sense" for the human species a sense that has a purpose, that is, morality. "Man cannot become a true man or for education". Education has as its main function to drive the human being to the status of power coming of age making this seek enlightenment. For Kant, man is the only creature that has a point, it is the only creature that can be educated and must be educated. The reason can only be developed through education. The conception of education placed by Kant brings the idea of "clarify" the subjects making them aware of its action in the world, from a perspective of wholeness and of overcoming the fragmentation, i.e. move from "animality" to "humanity". Kant makes the partition of his doctrine of education in two parts, namely; Physics and practice. Physical education is composed of two parts, that is; for discipline as downside which covers the care and instruction as positive which covers the culture or the targeting. The practical or moral education deals with the formation of man as a free being the understanding, understanding and experience of moral laws, and can do it yourself and as a member of society. Education in Kant aims to the moral perfection of man, meets at the same time, the purpose of moral and political philosophy. The man alone achieves perfection, this happens only in humanity as progress of the human species. The present work aims to establish relations between the pedagogical design exposed in book on Pedagogy, and the notion of enlightenment proposed by Kant. It seeks to reflect on the following question: as education proposed by Kant may contribute to establish a critique of the current education and take the student already from the early years until high school to develop itself the condition of person?

**Keywords: education, Kant, purpose of education, morality.**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
1. APRESENTAR AS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO PRESENTES NA OBRA DE KANT <i>SOBRE A PEDAGOGIA</i> , LIGADAS AO PROCESSO DE ESCLARECIMENTO...	04
1.1 A importância da educação analisada por Kant no processo de desenvolvimento da razão.....	04
1.1.2 A educação como processo e progresso.....	09
1.1.3 A educação como passagem para o reino da liberdade: relação entre educação e política .....	11
2. DOCTRINA DA EDUCAÇÃO: PEDAGOGIA KANTIANA QUE VISA ESTABELECEER AS RELAÇÕES ENTRE O PROCESSO DE EDUCAÇÃO E O DE ESCLARECIMENTO. .....	13
2.1 Educação Física: parte negativa da educação.....	14
2.1.1 O conceito de heteronomia.....	16
2.1.2 O conceito de liberdade.....	18
2.1.3 A educação do cuidado e disciplina.....	19
2.1.4 Educação Física como instrução ou cultura: parte positiva.....	22
2.1.5 O que Kant entende por esclarecimento.....	25
2.1.6 A importância do trabalho para a educação da criança.....	26
2.1.7 A educação e o desenvolvimento das capacidades no homem.....	28
2.1.8 Educação Prática como educação moral.....	29
2.1.9 A educação como formação do caráter.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS .....	41

## INTRODUÇÃO

Na obra *Sobre a Pedagogia*, Immanuel Kant mostra de que forma o processo da educação possibilita ao homem alcançar o esclarecimento, sendo o próprio indivíduo capaz de pensar por si, sem tutores. Nisso inicia o texto com a seguinte frase: “O homem é a única criatura que precisa ser educada” (KANT, 2004 p. 11). Da ênfase no processo educacional ao qual todo ser humano precisa submeter-se, desde sua infância, para se tornar esclarecido. “Uma boa educação é justamente a fonte de todo bem neste mundo” (KANT, 2004, p. 23). A educação é para o ser humano a arte de desenvolver a disposição para o bem, porque está inserida no plano moral.

Kant define o esclarecimento como sendo: “A saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado”. E por menoridade ele entende ser a incapacidade de se servir do próprio entendimento sem a orientação de outrem (KANT, 1985, p. 100).

A educação tem como função principal conduzir o ser humano ao estado de poder atingir a maioridade fazendo com que este busque o esclarecimento, ao menos neste trabalho é o que nos oriente como hipótese de pesquisa. Para Kant, o esclarecimento sempre se constitui muito mais como uma tarefa do que propriamente como um resultado. A noção kantiana de esclarecimento é, segundo essa hipótese, de total relevância para a educação que deve estar sempre num constante processo. Celso de Moraes Pinheiro afirma, em sua obra *Kant e a educação: reflexões filosóficas*, que “a educação tem, como tarefa própria, encaminhar o homem em direção ao fim último, que é a sua ideia de perfeição. Assim uma educação que atinja sua finalidade cumpre ao mesmo tempo, a finalidade da filosofia moral e política” (PINHEIRO, 2007, p. 15). A rejeição do esclarecimento por parte dos governantes leva a uma crise na educação, onde o não pensar passa a fazer parte de uma política governamental, o que Kant considera ser um crime contra a humanidade, pois uma geração não pode impedir o processo do esclarecimento da geração seguinte.

O presente trabalho tem como objetivo geral estabelecer as relações entre a concepção pedagógica exposta na obra de Kant *Sobre a Pedagogia*, e a noção de

esclarecimento apresentada no texto, *Resposta à pergunta: Que é esclarecimento?* Nisso busca-se refletir sobre a seguinte questão: como a educação proposta por Kant pode contribuir para estabelecer uma crítica à educação atual e levar o aluno já a partir dos anos iniciais até o ensino médio a desenvolver em si a condição de pessoa?

Adotaremos em nossa pesquisa o método reflexivo (crítica de Kant sobre a educação) e como “resenha bibliográfica” veremos as obras de Kant em maior consonância com o tema, como *Resposta a pergunta: Que é Esclarecimento?*, *Sobre a Pedagogia*, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, *Crítica da Razão Prática etc*, bem como em textos científicos produzidos por alguns estudiosos e comentadores de Kant tanto do passado quanto da atualidade.

A pesquisa está organizada em dois capítulos. No primeiro capítulo buscaremos desenvolver as concepções de educação presentes na obra de Kant *Sobre a Pedagogia*, ligadas ao processo de esclarecimento. Nisso, buscamos fazer relações da concepção de educação em Kant, com algumas problemáticas da educação atual nas escolas públicas, como; o currículo, a indisciplina, a falta de objetivo da escola em relação à formação humana.

Para Kant, o homem possui razão, é a única criatura que pode ser educada e deve ser educada. A razão só pode ser desenvolvida através da educação. A concepção de educação colocada por Kant traz a ideia de “esclarecer” os sujeitos tornando-os conscientes de sua ação no mundo, desde uma perspectiva de totalidade e de superação da fragmentação, ou seja, passar da “animalidade” a “humanidade”. Percebemos aí a noção de “processo” e “progresso”. Nesse sentido a educação cumpre no homem a passagem da selvageria ao reino da liberdade: relação entre educação, moral e política. O homem que Kant pensa certamente é um homem que deve buscar a autonomia, e, por isso, deve concentrar esforço. Desse modo, “temos que a finalidade da educação é oferecer ao educando a possibilidade de poder escolher, ou seja, aprender a pensar”, eis a concepção filosófica de Kant.

Em seguida, buscaremos refletir sobre a “doutrina da educação”, isto é, pedagogia kantiana que visa estabelecer e concretizar as relações entre o processo de educação e o de esclarecimento. Nisso, Kant faz a divisória da mesma em duas partes, a saber; física e prática. A educação física é composta de duas partes, isto é; pela disciplina como parte negativa que abrange os cuidados e pela instrução como



parte positiva que abrange à cultura ou o direcionamento. A educação prática ou moral trata da formação do homem como um ser livre no entendimento, compreensão e vivência das leis morais, podendo bastar-se a si mesmo constituindo-se como membro da sociedade.

Segundo Kant, na educação o homem deve ser disciplinado para domar a selvageria e impedir que a animalidade prejudique o caráter humano. Tornar-se culto, isto é criar e desenvolver habilidades (posse de uma capacidade) como ler, escrever e interpretar. Tornar-se prudente adquirindo civilidade (permanecer em seu lugar na sociedade, sendo querido e tendo influência), conquistando espaços. Cuidar da moralização, conseguir a disposição de escolher apenas os bons fins. Bons fins são aqueles que são aprovados necessariamente por todos e que podem ser, ao mesmo tempo, os fins de cada um.

O tema da educação em Kant, abordado na perspectiva do esclarecimento, envolve questões sempre importantes, pois são diretrizes de orientação de caráter ético, moral e político, o que nos parece ser o sentido essencial de “educação” no filósofo de Königsberg, por isso pensamos que nossa pesquisa tenha interesse para todos os que refletem sobre este tema, bem como de fundamental importância para pensarmos a educação atual no âmbito de buscar mudanças.

## 1. APRESENTAR AS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO PRESENTES NA OBRA DE KANT SOBRE A PEDAGOGIA, LIGADAS AO PROCESSO DE ESCLARECIMENTO.

A obra *Sobre a Pedagogia* faz parte das Obras Completas de Immanuel Kant, (1724 – 1804) (Tomo IX da Real Academia Prussiana de Ciências). Foi publicado pela primeira vez por Theodor Rink, discípulo de Kant. Trata-se de lições de Pedagogia ministrada por Kant, na Universidade de Königsberg em 1776/77, 1783/84 e 1786/87, uma vez que os professores de Filosofia da Universidade de Königsberg deviam regularmente ministrar aulas de Pedagogia aos estudantes, revezando-se. Theodor Rink remonta e reconstitui as aulas de Kant em diversos semestres. Nisso, observa que a exiguidade de tempo desses cursos impediu uma redação mais detalhada.

Trata-se de um texto da segunda metade do século XVIII, conciso e de redação ligeira. Ainda mais, a língua alemã apresenta diversas dificuldades quando traduzida para as línguas neolatinas, conforme afirmação do tradutor de *Sobre a Pedagogia*, Francisco Cock Fontanela na 4ª. Edição para a Editora UNIMEP.

Escrito sobre a inspiração de Rousseau, entre outras influências, *Sobre a Pedagogia* não é o único texto de Kant sobre educação.

Também são relevantes às seções da *Doutrina do Método* na segunda *Crítica* e na *Metafísica dos Costumes*, bem como os dois pequenos ensaios sobre o *Instituto Philanthropinum*, e o recentemente divulgado, (*Nachricht*) *Anúncio do programa das suas preleções do semestre de verão* (OLIVEIRA, p. 5 n.17/).

Kant declara na *Metafísica dos Costumes* que a pedagogia é “a contrapartida da metafísica dos costumes” (KANT, p. 217). Nesse sentido, a teoria (pedagogia) educacional de Kant é “lida de modo melhor como um capítulo dentro do seu projeto maior de ética aplicada, onde “aplicada” significa o estudo empírico da cultura e da natureza humana para se encontrar aquilo que auxilia e os obstáculos que existem para a espécie como um todo para levar a cabo os princípios morais a priori” (OLIVEIRA, p. 5/n.17).

### 1.1 A importância da educação analisada por Kant no processo de desenvolvimento da razão

Na parte introdutória da obra, Kant nos dá a sua definição de educação: “Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato) a disciplina e a instrução com a formação” (KANT, 2004, p, 11). Também ressalta que “a educação é o maior e o mais árduo problema que pode ser proposto aos homens”. O homem necessita ser educado e pode ser educado usando a razão, nisso possui “a condição de buscar o melhor caminho para sua vida de modo autônomo” (PINHEIRO, 2007, p. 12). O importante é percebermos no pensamento de Kant a educação ligada à noção de esclarecimento e autonomia, isto é, a liberdade do sujeito, passando por diversas etapas que se estabelece através do “processo educacional”. Para Kant, a educação abrange uma diversidade de atividades, das quais o homem está em constante relação: a filosofia, as artes, as ciências, (Política e o Direito) a religião e as mais diversas formas de cultura que promovem a convivência humana em sociedade. A educação é o fator predominante e é somente através da mesma que o indivíduo será capaz de se desenvolver e compreender o seu papel na sociedade.

O homem tem necessidade de ser educado e pode ser educado, porque é a única criatura que possui razão. Conforme Kant no texto *Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*:

A razão numa criatura é um poder de estender as regras e os desígnios que comandam o uso de todas as forças muito para além do instinto natural, e ela não tem nenhuma limitação aos seus projetos. Ora, ela não age instintivamente, mas precisa de ensaios, de exercícios e de ensinamentos, para progredir pouco a pouco, de degrau em degrau de inteligência (KANT, 1990, p. 388-389).

Em a razão cumprir a tarefa de diferenciar o homem de outros seres ela é entendida por Kant como uma disposição natural que precisa ser aperfeiçoada. Segundo Pinheiro, “é necessário um longo caminho para que a razão possa cumprir a totalidade de sua tarefa” (...) “a razão necessita de um processo educacional para o seu desenvolvimento” (PINHEIRO, 2007, p.33). No que tange à educação o cumprimento da totalidade das disposições do homem, “então ela deve guiá-lo em direção ao reino dos fins” (PINHEIRO, 2007, p. 34).

Nesse sentido, devemos entender que para Kant, a educação está dividida em diversas etapas, mas a etapa final é a moralidade. A tarefa da moralidade não é atingida plenamente por um único indivíduo, mas somente com a humanidade, no

caso da “espécie humana”. Como afirma Kant; “as disposições naturais que se referem ao uso da razão só deveriam desenvolver-se completamente na espécie e não no indivíduo” (KANT, 1990, p. 388). Nisso; “é necessário, portanto, que a espécie garanta a possibilidade de pleno desenvolvimento, por ser ela a única a progredir e a caminhar em direção ao fim supremo” (PINHEIRO, 2007, p. 34). A seguir; “o progresso contém implicitamente uma ideia que visa, por meio das gerações, encaminhar o homem em direção ao reino dos fins” (PINHEIRO, 2007, p. 34). A natureza dotou o homem de razão, mas este deve buscar desenvolvê-la porque a mesma não é algo acabado e pronto, necessita de aperfeiçoamento. Conforme Pinheiro:

Sem a atividade de busca de sua completa destinação, o homem não consegue desenvolver sua razão. Essa busca necessita de um gradual progresso, que implica um afastamento do estado selvagem, em que procuramos cumprir somente nossos caprichos mais imediatos (PINHEIRO, 2007, p. 40).

A passagem da selvageria à humanidade obriga o homem a desenvolver em si mesmo a humanidade, uma vez que possui condições, isto é, “o homem deve reconhecer o primado da razão sobre o instinto” (PINHEIRO, 2007, p. 40). Faz-se necessário no homem a consciência de exercitar sua capacidade de dar leis a si mesmo, pela própria autonomia e possibilidade de liberdade. É nesse sentido que a proposta de educação de Kant está desenvolvida em etapas é processual e traz a noção de progresso, ou melhor, é uma educação desafiadora para o progresso. “Por meio da educação, o homem pode afastar-se do seu estado mais primitivo” (PINHEIRO, 2007, p. 41). Pois, pela disciplina o homem desde sua infância deve aprender a lei e com isso desenvolver a consciência de sua autonomia aprendendo a pensar e usar a razão.

A razão deve aprender a ligar, a discernir, a separar, a dar ao ser os meios de se reconhecer como sujeito e objeto, condição objetiva de todo o conhecimento e, sobretudo, condição de existência (PINHEIRO, 2007, p. 44).

O desenvolvimento da razão em Kant está ligado ao processo educacional, visto que: “assume a tarefa de desenvolver todas as disposições do homem, principalmente o bom uso da razão” (PINHEIRO, 2007, p. 55). O inteiro

desenvolvimento do homem só é possível através do processo educacional, que visa libertar o mesmo da menoridade, ou seja, do estado selvagem.

E a Educação atual como está sendo pensada? Qual é a relação Educação/Escola/Sociedade? Em matéria publicada no dia 13/06/2013, pelo *Jornal Gazeta do Povo de Curitiba*, o jornalista Jônatas Dias Lima em entrevista com alguns profissionais da educação, traz um panorama da realidade escolar atual. A matéria aponta dados de pesquisa com professores no âmbito nacional, quanto estadual (Paraná) atuantes em sala de aula da Rede Pública e afirma que: “desinteresse e falta de esforço são apontados como principais causas para o baixo índice de aprendizagem por 91% dos docentes consultados”. Para os professores de 5.º e 9.º anos da rede pública, bem como das séries finais do Ensino Médio, uma das principais razões para a dificuldade de aprendizagem é o desinteresse dos próprios alunos.

No Paraná a situação é ainda mais complicada. Conforme mostram as respostas a um questionário enviado às escolas junto da Prova Brasil 2011, 92% dos professores do estado acham que os alunos não aprendem porque não se esforçam. O mesmo questionário revela ainda que a maior parte da categoria não vincula os problemas de aprendizagem ao próprio trabalho, ou sequer à escola. Parece que este problema pode estar ligado à falta de disciplina e organização dos alunos que de certa forma herdaram da família e do contexto atual excessos de informações, noção de felicidade trazida pela mídia e não conseguem lidar com essas situações. Nisso, não veem sentido na educação escolar. Afinal, de quem é a culpa; dos pais ou dos professores?

Kant procurou ressaltar o modelo de educação centrada no campo da moral, tendo como referência a ideia de que os seres humanos necessitam de uma formação direcionada, para tornarem-se seres autônomos e esclarecidos. “Como poderíamos tornar os homens felizes, se não os tornamos morais e sábios?” (KANT, 2004, p. 17). Nesse caso, vemos que a preocupação essencial do filósofo com a educação insere-se no campo da moral, partindo do ponto que o ser humano não nasce moral, mas torna-se moral por meio da educação.

A matéria citada nos parágrafos anteriores também traz informações coletadas de alguns analistas da educação onde afirmam que o resultado preocupa. Por um lado, revela o pessimismo com o qual muitos professores veem a docência ou as capacidades dos próprios alunos. Por outro, mostra a confusão de papéis em

relação ao que cabe à família e à escola. O levantamento se baseia nas respostas dadas por 226,8 mil professores de todo o Brasil e 12,8 mil no estado do Paraná. De acordo com a psicopedagoga e *Doutora em Educação Evelise Portilho, da PUCPR*, os números são uma amostra do embate clássico entre pais de alunos e professores. “Se a mesma pesquisa fosse feita com as famílias, elas provavelmente também se isentariam. É sempre mais fácil colocar responsabilidade no outro”, afirma. Evelise diz ser impossível ignorar as consequências desse tipo de visão negativa por parte dos professores no desenvolvimento dos alunos. Não faz sentido, diz ela, empurrar a culpa do mau desempenho somente aos pais. “Não adianta a escola querer que a família faça algo que a ela não está instrumentalizada a fazer”, diz. Haveria ainda uma questão básica nessa relação: “Que parte daquilo que é meu eu não estou fazendo?”.

Problematizando ainda mais a questão, o Doutor em educação e professor do Núcleo de Pesquisas Educacionais da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Ângelo Ricardo de Souza acha que a motivação dos estudantes, vistos como desinteressados pelos professores merece um aprofundamento maior. “Cumprir perguntar por que uma condição natural do humano, a curiosidade, não consegue ser aguçada ou desenvolvida pela escola”, sugere. Segundo ele, a causa do problema se relaciona com a falta de articulação entre o currículo, a prática pedagógica e as necessidades dos alunos, ou ainda às difíceis condições de trabalho dos professores, que tentam ser criativos mesmo com o excesso de demanda.

Talvez o que a educação não está levando em consideração é o conhecimento do próprio comportamento humano, como pergunta Kant em sua *Antropologia*; o que é o homem? Esta questão de compreensão do homem é o fundamento para o conhecimento e para a educação. O homem não é um ser nem bom e nem mau por natureza; “torna-se moral apenas quando eleva a sua razão até aos conceitos do dever e da lei” (KANT, 2004, p. 95). A moralidade vem graças à virtude, isto é, força que ele próprio deve exercer sobre si. Parece que as concepções pedagógicas atuais não propiciam essa noção aos estudantes, (desde os anos iniciais até o ensino médio), daí o porquê enumeramos tantos problemas na educação escolar, desinteresse, indisciplina, falta de respeito etc.

Nesse contexto, o processo de educação é fragmentado e na maioria das vezes buscam-se soluções para a educação nas etapas finais do período escolar.

O currículo do sistema educacional brasileiro é fragmentado e nem sempre permite aos estudantes aprenderem o que é de fato ensinado. Os estudantes em um único período do dia ou da noite terão cinco aulas e na maioria das vezes aulas com disciplinas diferentes. Em cada aula é necessário retomar o que foi aprendido anteriormente para situar-se no que será discutido naquela aula e que dali a pouco terá que ser esquecido, porque já será outra aula e outro professor.

O currículo, mais especificamente, a matriz curricular, atende a uma especificidade que está na base da divisão social do trabalho. Nesse sentido, estudantes e professores “ritualizam” processos que materializam a ideologia e respondem a uma hierarquia de procedimentos, servindo para moldar as crianças, jovens e professores à vida em uma sociedade estratificada, competitiva e individualista. Tais ideias nos remetem ao pensamento de Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron, sociólogos franceses que trouxeram a tona a discussão da “teoria da reprodução social”, bem como Althusser com a “materialização da ideologia”: a educação em função da economia, ou seja, a escola reproduz a cultura econômica. Nesse sistema, a cultura que tem prestígio é das classes dominantes, assim os valores, hábitos, modos de se comportar, estabelecem-se como hegemônicos e norteiam o currículo escolar. Não temos mais uma “sociologia da educação”, mas sim uma “economia da educação”.

O pensador americano Michael Apple em sua obra *Ideologia e Currículo* retoma algumas ideias dos sociólogos franceses e traça alguns questionamentos em relação a forma que os conhecimentos são legitimados, isto é, que fazem parte do currículo a ser ensinado: “de quem é o conhecimento? Quem o seleciona? Porque se organiza e se ensina desse modo? A quem interessa essa relação? A que projeto essa seleção responde? Porque a este grupo em particular?” (APPLE, 2008, p. 18). Tais questões nos levam a pensar sobre a legitimidade de governos aumentarem, (no caso do Paraná, que alterou a Matriz Curricular do Ensino Fundamental em 2012) ou diminuírem a carga horária de determinadas disciplinas, da legitimidade de umas disciplinas e deslegitimidade de outras.

Desta forma, saberes ganham importância na matriz curricular e agem com predominância sobre os demais saberes, constituindo-se em bloco hegemônico dentro da escola. A educação kantiana traz a noção de “processo” levando em consideração às diversas etapas pelas quais a criança (aluno) deve passar, e, é

nesse sentido que estabelecemos nossa problemática: Em que medida o processo do esclarecimento, do modo como Kant o define, está relacionado à sua concepção pedagógica de educação? Desta forma, buscamos na filosofia de Kant contribuições para a educação escolar atual, infantil ao ensino médio.

### **1.1.2 A educação como processo e progresso**

A concepção de educação colocada por Kant traz a ideia de “esclarecer” os sujeitos tornando-os conscientes de sua ação no mundo, desde uma perspectiva de totalidade e de superação da fragmentação, ou seja, passar da “animalidade” a “humanidade”. Nesse ponto, parece que segue uma lógica inversa do sistema educacional escolar atual. Segundo Kant, “o projeto de uma teoria da educação é uma ideia muito nobre e não faz mal que não possamos realiza-lo (...)” “com a educação presente o homem não atinge plenamente a finalidade da sua existência” (KANT, 2004, p17). A questão é a seguinte: como a educação proposta por Kant pode contribuir para estabelecer uma crítica à educação atual e levar o aluno a desenvolver em si a condição de pessoa?

Perceber a noção de “processo” na concepção de educação em Kant é muito importante. Há dificuldades no papel de educar para o “esclarecimento e desenvolvimento da humanidade”. A noção de processo em Kant nos remete a noção de progresso: “O progresso garante a possibilidade de vislumbrarmos a finalidade moral do homem, não sob um aspecto individualista, mas universal, ou seja, a noção de progresso dá ao homem a esperança de atingir sua inteira finalidade na espécie” (PINHEIRO, 2007, p. 45). Aparece aqui a noção de “reino dos fins”, como inteira destinação moral do homem somente é possível no âmbito da humanidade. Pois: “a questão da educação diz respeito a possibilitar um desenvolvimento, ou seja, ela proporciona as condições de suplantarmos nossas tendências mais primitivas, mas não é sua tarefa fazer com que essas tendências desapareçam por completo” (PINHEIRO, 2007, p. 67).

Afirma Kant: “mas o homem é tão naturalmente inclinado à liberdade, depois que se acostuma a ela por longo tempo, a ela tudo sacrifica. Ora, esse é o motivo preciso pelo qual é conveniente recorrer cedo à disciplina; pois, de outro modo, seria muito difícil mudar depois o homem” (KANT, 2004, p.13).



O que Kant analisa em *Sobre a Pedagogia*, é a importância de conhecer a criança para colaborar com a sua educação desde bebês; os tratos mais básicos como amamentação, alimentação, primeiros passos. Levando em consideração que as crianças possuem todas as condições naturais, cabe ao educador ajudar a aperfeiçoá-la e desenvolvê-la. Por isso se faz necessário o conhecimento de todas as artimanhas da criança para que saiba como proceder diante das mais diversas situações. O homem só pode receber a educação de outro homem, nisso “a falta de disciplina e instrução em certos homens os torna mestres muito ruins de seus educandos” (KANT, 2004, p. 15). Como alguém pode educar alguém se de fato não conhece os comportamentos por inteiro nem mesmo de si e de quem se quer educar? O conhecimento se faz necessário.

### **1.1.3 A educação como passagem para o reino da liberdade: relação entre educação e política**

O homem que Kant pensa certamente é um homem que deve buscar a autonomia, e, por isso, deve concentrar esforço. Desse modo, “temos que a finalidade da educação é oferecer ao educando a possibilidade de poder escolher (...)”. Isto é, “a finalidade da educação é oferecer os meios necessários para o desenvolvimento intelectual do aluno” (PINHEIRO, 2007, p. 12). Segundo Kant, todos nascem dotados de razão, mas precisam educá-la. “A educação pode ser compreendida como o processo inicial do esclarecimento da razão, que culmina obrigando o homem a ver-se como humanidade” (PINHEIRO, 2007, p. 13). A razão é suficiente por si mesma, como pura razão, sem auxílio de impulsos sensíveis para mover a vontade.

Kant não pretende formar uma nova moral, mas dar uma nova forma à moral (Ética) tradicional, nisso estabelece a fórmula da moralidade: liberdade, lei moral, autonomia, boa vontade. Para Kant, o indivíduo só está sujeito à sua própria legislação que se configura como lei universal, nisso, a autonomia da razão para legislar supõe a liberdade. Kant acentua o caráter pessoal da liberdade, porque sua moral está centrada na pessoa, é formal porque está fundada na razão universal. Como destaca Luc Ferry em sua obra *Kant: uma leitura das três “Críticas”*, “os dois traços fundamentais da moral kantiana: a virtude desinteressada e a preocupação com o universal” (FERRY, 2009, p. 99). Esses dois principais pilares da moral, Kant

expõe nas obras *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, bem como na *Crítica da Razão Prática*.

Em *Sobre a Pedagogia* a moral é sustentada pelo processo educacional em que a criança deve passar, levando em consideração a disciplina para educar a razão e fazer o uso da mesma através do esclarecimento chegando á autonomia para ser livre. As crianças na medida em que são educadas de modo que se tornem incapazes de fazer uso do próprio entendimento, não se rompem com a menoridade e não desenvolvem suas capacidades de pensar. Portanto, o trabalho educativo supõe: o cultivo das faculdades e disposições naturais, entre as quais Kant destaca o entendimento e a vontade.

Nesse sentido, a educação tem como finalidade última, encaminhar o homem a ideia de perfeição.

Assim, uma educação que atinja sua finalidade cumpre, ao mesmo tempo, a finalidade da filosofia moral e política. O homem moral é o ideal a ser seguido no processo de educação, e apenas uma sociedade politicamente justa está apta a capacitá-lo a cumprir sua inteira destinação (...). Com isso uma sociedade justa é formada por homens morais, que, por sua vez, dependem de uma sociedade justa para efetivar-se morais. O processo de educação perpassa os dois âmbitos, a fim de possibilitar a efetivação desse homem, mesmo que apenas como espécie. (PINHEIRO, 2007, p. 15).

O ideal de Kant em concentrar a finalidade última do processo educacional está na espécie humana sustentada por cada indivíduo. “E a ideia de moral será a norteadora de todo esse processo” (PINHEIRO, 2007, p. 15). A perfeição do ser humano, em Kant, implica a formação do caráter. O primeiro esforço da cultura moral deve ser lançar os fundamentos do caráter. Para Kant, o caráter consiste no hábito de agir segundo certas máximas. Estas são, em princípio, as da escola e, mais tarde, as da humanidade. Assim afirma; “A construção civil de uma república com liberdade e lei é o grau supremo da ascensão artificial da boa disposição na espécie humana para chegar ao fim último de seu destino” (KANT, 2009, p. 327).

Em *Sobre a Pedagogia* Kant mostra que desde o início a criança deve obedecer às leis. Então, quando se quer formar o caráter das crianças, urge mostrar-lhes em todas as coisas certo plano, certas leis, as quais devem seguir fielmente. Nesse sentido, no “texto *Sobre a Pedagogia*, “política e educação são indissociáveis” como afirma Philonenko: “educação e política se interpenetram, história e progresso seguem o mesmo movimento dentro de uma dialética”

(PHILONENKO, p. 41, 1996). Conforme Pinheiro resgatamos aqui a finalidade da espécie humana, a qual a educação visa atingir:

Visto que a meta final da espécie é a realização de uma constituição política perfeita. Assim, a totalidade da educação moral coincide com a mais alta tarefa imposta pela razão, precisamente aquela de formar um Estado Cosmopolita universal, único meio para uma unificação política total da espécie humana (PINHEIRO, 2007, p. 71).

A liberdade e igualdade entre todos só pode ser assegurada por uma “sociedade justa”, eis o reino dos fins na terra, que se concretiza na humanidade.

As leis jurídicas desse estado são ao mesmo tempo, leis justas e universais. Todos os cidadãos também são responsáveis pelo todo jurídico. O conjunto de normas e leis é nesse estado cosmopolita justo puramente autônomo (PINHEIRO, 2007, p. 71).

Kant chama atenção para auxiliar desde cedo às crianças na educação para a honestidade e que falta nas escolas é “um catecismo do direito. Este deveria conter em versão popular de casos referentes à conduta que se há de manter na vida cotidiana, e que implicariam sempre a pergunta: isso é justo ou injusto”? (KANT, 2004, p. 91). A noção do dever se faz necessária na constituição de uma sociedade justa. “A disciplina submete o homem às leis da humanidade e começa fazê-lo sentir a força das próprias leis” (KANT, 2004, p. 13).

Na dimensão política de viver em sociedade, Kant chama atenção para educar as crianças para o princípio de tolerância. Do mesmo modo que eu tenho liberdade o outro também tem, isto é, o exercício do uso público da razão através do desenvolvimento do pensamento. Como é possível tornar um membro da sociedade compreender e vivenciar às leis morais? Cumprindo o processo educacional partindo sempre da disciplina para aprender a observar as leis justas, bem como aprender a cumpri-las. Segundo o nosso filósofo; “o estabelecimento de um projeto educativo deve ser executado de modo cosmopolita” (KANT, 2004, p. 23). A educação tem finalidade moral e é política por natureza.

No segundo capítulo, buscaremos descrever as etapas do processo de educação pensada por Kant, a partir da sua doutrina “pedagógica de educação” buscando acompanhar na mesma os processos de desenvolvimento, partindo da “disciplina” a “moralidade”.

## **2. DOUTRINA DA EDUCAÇÃO: PEDAGOGIA KANTIANA QUE VISA ESTABELECEER AS RELAÇÕES ENTRE O PROCESSO DE EDUCAÇÃO E O DE ESCLARECIMENTO.**

Para abordar a educação em *Sobre a Pedagogia*, Kant faz a divisória da mesma em duas partes, a saber; *física* e *prática*. A educação física é composta de duas partes, isto é; pela disciplina como parte negativa que abrange os cuidados e pela instrução como parte positiva que abrange à cultura ou o direcionamento. A educação prática ou moral trata da formação do homem como um ser livre no entendimento, compreensão e vivência das leis morais, podendo bastar-se a si mesmo constituindo-se como membro da sociedade.

Segundo Kant, na educação o homem deve ser disciplinado para domar a selvageria e impedir que a animalidade prejudique o caráter humano. Tornar-se culto, isto é criar e desenvolver habilidades (posse de uma capacidade) como ler, escrever e interpretar. Tornar-se prudente adquirindo civilidade (permanecer em seu lugar na sociedade, sendo querido e tendo influência), conquistando espaços. Cuidar da moralização, conseguir a disposição de escolher apenas os bons fins. Bons fins são aqueles que são aprovados necessariamente por todos e que podem ser, ao mesmo tempo, os fins de cada um.

### **2.1 Educação Física: parte negativa da educação**

A princípio podemos dizer que a educação física é aquela que o homem tem em comum com os animais, ou seja, os cuidados com a vida corporal. A recomendação da utilização da educação física como primeira instância do processo de aprendizagem, tem como intuito levar o indivíduo ao desenvolvimento da moralidade. Ou seja, a educação do corpo ensina, por meio da natureza, o que significa que ela opera segundo leis naturais que agem, com finalidade de possibilitar a inteira destinação do ser humano no uso de sua razão:

Disciplina e coação são colocadas como fundamentos necessários para a liberdade e a moral. A autonomia, princípio básico do bom uso da razão, depende desse primeiro momento da educação (PINHEIRO, 2007, p.16).

A tarefa central da educação a princípio é orientar um ser que não pode ser conhecido por não ter essência determinada, e que, por isso, pode tomar diferentes

direções, o homem é livre e por isso ele pode ser educado e é a única criatura que precisa ser educada. “A coação e a disciplina possibilitam a cada um fazer uso da sua própria razão, sem medo. E com isso, abre-se a possibilidade de uma determinação moral da vontade” (PINHEIRO, 2007, p. 16). A educação é, no entender de Kant, o processo fundamental pelo qual o homem se constitui como tal. Ele não é nada além do que ela faz dele. A educação está profundamente envolvida, portanto, com o processo de auto realização do ser humano, como destaca Kant na *Metafísica do Costume*:

Um ser humano tem o dever de erguer-se da tosca condição de sua natureza, de sua animalidade (quod actum) cada vez mais rumo à humanidade, pelo que, somente ele, é capaz de estabelecer para si mesmo determinados fins; tem o dever de reduzir sua ignorância através da instrução e corrigir seus erros. (...) Um ser humano tem o dever de conduzir o cultivo de sua vontade a mais pura disposição virtuosa, na qual a lei se converte também no incentivo para suas ações que se conformam ao dever e ele acata a lei a partir do dever. Esta disposição é perfeição interior moralmente prática (KANT, 2004, p. 231).

É, neste sentido, um saber ligado à experiência que deverá ser orientado e planejado em conexão com a ética. Kant enfatiza que é de suma importância que este saber, que é parte da *Antropologia prática*, seja estudado com vistas ao seu constante aperfeiçoamento e não importa que este processo não se conclua. Conforme a própria definição de Kant na, *Antropología en sentido pragmático* (Trad. Espanhola de José Gaos) em consonância com a distinção geral entre o aspecto fisiológico e o pragmático da antropologia vemos que:

pode ser entendido a partir de dois sentidos: um físico ou sensível, que pertence ao homem enquanto ser natural e, outro, transcendental ou inteligível, por meio do qual se reconhece no ser humano uma índole moral (KANT, 1991, 367).

É, portanto, na segunda perspectiva da formação do caráter que Kant situa o trabalho da educação moral, isto é, “não importa o que a natureza faz do ser humano, mas o que este faz de si mesmo: pois aquilo faz parte do temperamento, onde o sujeito é em maior parte passivo, mas apenas isto dá a conhecer que possui um caráter” (KANT, 2004, p. 92). Portanto, “ter pura e simplesmente um caráter significa ter aquela qualidade da vontade segundo a qual o sujeito se obriga a seguir determinados princípios práticos que prescreveu inalteravelmente para si mesmo mediante sua própria razão” (KANT, 2004, p. 84). Ainda enfatiza Kant “o caráter tem

um valor intrínseco e está acima de qualquer preço” (KANT, 2004, 87). Conforme Pinheiro:

Mediante o progresso em sociedade o homem encontra a possibilidade de desenvolver sua cultura e seu esclarecimento. Assim, a sociedade civil é o ponto de partida que possibilita a realização teleológica da liberdade e do postulado moral da liberdade (PINHEIRO, 2007 p. 16).

Na *Antropologia de um ponto de vista Pragmático* traduzida por Clélia Aparecida Martins, Kant enfatiza sobre a finalidade do homem:

O ser humano está destinado, por sua razão, a estar numa sociedade com seres humanos e a se cultivar, civilizar e moralizar nela por meio das artes, das ciências, e por maior que possa ser sua propensão animal a se abandonar passivamente aos atrativos da comodidade e do bem estar, que ele denomina felicidade, ele está destinado a se tornar ativamente digno da humanidade na luta com os obstáculos com a rudeza de sua natureza coloca para ele. (KANT, 2009, pp. 324-325).

Na *Antropologia* de Kant, o homem é estimulado ao seu supremo fim através do seu próprio conhecimento, levando em consideração todos os fatores que completam a existência humana. Com isso, o homem aperfeiçoa-se mediante uma “cultura progressiva” que passa por aperfeiçoamento sustentado por um processo dificultoso, levando em consideração a educação e suas etapas. O homem está destinado à razão pura e ao esclarecimento último da consciência moral. O homem pode colocar fins a si próprio, porque tem capacidade de se “experimentar” como ser livre e atuante. Destarte, esse conhecimento inclui também a consciência da sua responsabilidade moral no modo de seu agir.

As experiências do mundo ou as relações com o mundo estão sempre conectadas com a experiência do homem em relação a si mesmo, e com o conhecimento que ele possa ter de si como pessoa: “porque o homem distingue-se de outros seres vivos e diante deles é que ele pode ter o eu em sua representação” (KANT, 2009, p. 127). Kant concebe os aspectos da relação do homem com o mundo em sua “interpretação teleológica da história”: nesse sentido, o homem está em uma relação aberta com o mundo e pode atuar em modo de “formação” e de “transformação” sobre seu meio ambiente e sobre si próprio. Destaca Clélia Aparecida Martins, na introdução da *Antropologia de um ponto de vista Pragmático*:

O progresso da humanidade na história da espécie, por meio da cultura, civilização e moralização pode, por um lado, se dar só através do uso da

razão é que o homem age segundo fins, os quais ele mesmo se coloca e dele mesmo faz um ser racional-real (MARTINS, 2009, p. 15).

Nesse sentido, afirma Kant; “mas um tal aperfeiçoamento supõe por outro lado, uma tendência natural do gênero humano a tornar-se sempre melhor” (KANT, 2009, p. 309). O homem possui a razão como formação da sua liberdade e pode ser diferenciado dos animais que agem pelo instinto. O homem tem que fazer por si mesmo sua natureza, nesse sentido, a educação necessita primeiramente de disciplina. É negativa, porem necessária para a formação humana. Desde a infância a criança deve ser educada a aprender que a liberdade não é fazer tudo o que se quer. A liberdade é resultado do processo coercitivo da lei moral, que é aprendido no decorrer do processo educacional, passando por diversas etapas.

### **2.1.1 O conceito de heteronomia**

Em si mesma a disciplina significa tão somente um processo de heteronomia, por meio do qual, não apenas acostuma-se o educando a obediência e, até mesmo, à familiaridade com regras para o agir, como, gradativamente, ele mesmo desenvolverá em si a compreensão da necessidade de uma auto disciplina. A heteronomia é o ponto de partida para a autonomia, onde a criança ainda não conhecendo as situações da vida (os perigos), encontra-se sob o comando dos impulsos sensíveis e nisso, deve acatar ordens externas para a construção progressiva da autonomia. Nas palavras de Kant;

Um princípio de pedagogia, o qual, mormente os homens que propõem planos para a arte de educar deveriam ter ante os olhos, é: não se deve educar crianças segundo o presente da espécie humana, mas segundo um estado melhor possível no futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e da sua inteira destinação. Esse princípio é da máxima importância (KANT, 2004, p.22).

Aqui se faz necessário abordarmos rapidamente o conceito de heteronomia, levando em consideração que o mesmo é o primeiro momento para desenvolver a autonomia, bem como a liberdade que abordaremos com mais ênfase a seguir. Na *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, (FMC) Kant estabelece o contraste entre liberdade da vontade manifesta em autonomia e a dependência da vontade de causas e interesses externos ou heterônomos. A lei moral sob a autonomia só seria válida por causa do interesse que tivéssemos em obedecê-la, o que segundo Kant equivaleria “a dependência da razão prática para com a sensibilidade, isto é, para

com um sentimento subjacente por força do qual a razão nunca poderia ser moralmente legislativa” (KANT, 2008 p. 60). Conforme Howard Caygill no *Dicionário Kant*, temos que “Kant considerava que uma importante parcela da prévia filosofia moral baseava-se em princípios heterônomos” (CAYGILL, 2000, p. 175). Nisso, atuam, “como estímulo atraente ou como uma força que coage à obediência” (KANT, 2008, p. 39). Por conseguinte, ele contrasta seu “princípio da autonomia da vontade com todo e qualquer outro princípio, o qual incluirei, portanto sob a heteronomia” (KANT, 2008, p. 39).

Os princípios heterônomos podem ser empíricos ou racionais: os primeiros “aduzidos do princípio de felicidade, estão baseados em sentimentos físicos ou no moral” (KANT, 2008, p. 91). Já os segundos: “aduzidos do princípio de perfeição baseiam-se no conceito racional de perfeição independente (a vontade de Deus) como causa determinada da nossa vontade” (KANT, 2008, p. 92). Destarte, “a razão humana, aqui como sempre no seu uso puro, enquanto lhe falta à crítica, experimentou primeiro todos os caminhos errados antes de conseguir encontrar o único verdadeiro” (KANT, 2008, p. 91). A heteronomia é o ponto de partida para a autonomia e a consciência da liberdade (que já existem nas crianças), nisso cabe à educação colaborar no processo de aperfeiçoamento.

### **2.1.2 O conceito de liberdade**

O conceito de liberdade em Kant foi abordado ao longo de sua obra em sentidos diversos. Segundo Howard Caygill no *Dicionário Kant*, “a liberdade envolve independência de qualquer forma de dependência – liberdade *de* – e o poder do sujeito de legislar para si, - liberdade *para*” (CAYGILL, 2000, p. 216). O equilíbrio correto desses dois aspectos da liberdade aparece implicitamente na “filosofia crítica, como é evidente na filosofia teórica de *Crítica da Razão Pura* (CRP) e a filosofia prática de *Crítica da Razão Prática* (CRPr), *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (FMC), e *Metafísica dos Costumes* (MC)” (CAYGILL, 2000, p. 216). Na primeira, a liberdade apresenta-se como espontaneidade, na medida em que é oposta á receptividade; na segunda, como autonomia em contraste com a heteronomia.

Na CRP, Kant discute a terceira antinomia, bem como o problema da causalidade natural e livre referindo-se ao sentido cosmológico e prático da liberdade, isto é, “a faculdade de iniciar por si um estado”, nisso descreve-o como a



razão criando “a ideia de uma espontaneidade que poderia começar a agir por si mesma, sem que outra causalidade tivesse necessariamente que precede-la para determina-la a agir segundo a lei da causalidade” (KANT, 2003, p. A 533/B 561). Na analítica da CRP, “essa espontaneidade é descrita como uma das fontes do conhecimento a par da receptividade. Kant opõe sistematicamente a espontaneidade da imaginação e do entendimento á receptividade da sensibilidade” (CAYGILL, 2000, p. 216). Conforme Kant, “a espontaneidade é a capacidade de produzir representações de si mesma” (KANT, 2003, A p. 51/75). Nesse caso, “por um lado à liberdade, como espontaneidade é absoluta em conceder-se leis de síntese, mas, por outro, é intrinsecamente restringida pela receptividade” (CAYGILL, 2000, p. 216).

A problemática da “espontaneidade pura do entendimento” depender da receptividade a fim de tornar-se efetiva é tratada por Kant do ponto de vista da liberdade prática. “No caso da liberdade prática, é o fundamento motivador da vontade que tem de ser autônomo” (CAYGILL, 2000, p. 216). Em vez dos princípios heterônomos da vontade, sejam de procedência racional (perfeição) ou de procedência empírica (prazer, felicidade), “Kant insiste numa liberdade inteligível baseada na autonomia da vontade” (CAYGILL, 2000, p. 217). Esta forma, na FMC, a liberdade é definida de modo “negativo” e “positivo”. “A vontade é uma espécie de causalidade pertencente aos seres humanos na medida em que são racionais; a liberdade seria a propriedade dessa causalidade que a torna efetiva, independente de qualquer determinação por causas estranhas” (KANT, p. 446/49). Prossegue Kant; “que outra coisa, portanto, pode a liberdade da vontade ser senão autonomia, isto é, a propriedade que a liberdade tem de ser uma lei para si mesma”? (KANT, p. 446/49). A ideia de liberdade como autonomia é sustentada pelo imperativo categórico, o qual abordaremos na sequencia do trabalho, item a seguir 2.1.3.

Uma educação que leve a pensar, deveria desde a infância levar as crianças (alunos) a efetuar tais questionamentos: existe mais direito que deveres? Os motivos são maiores que a lei? Os casos particulares prevalecem sobre os universais? Um dos grandes problemas da educação é conciliar a submissão ao constrangimento das leis com o exercício da liberdade. Por isso, desde cedo é preciso dar liberdade às crianças, (levando em consideração a inclinação á liberdade) desde a primeira infância e em todos os seus movimentos (salvo quando pode fazer mal a si mesma),

com a condição de não impedir a liberdade dos outros. É nesse caso que a disciplina aparece como a primeira parte da educação.

Deve-se mostrar a que ela pode conseguir seus propósitos, com a condição de que permita aos demais conseguir os próprios. É preciso provar que o constrangimento, que lhe é imposto, tem por finalidade ensinar a usar bem a sua liberdade, que a educamos para que possa ser livre um dia, isto é, dispensar os cuidados de outrem. Na educação atual, parece que a disciplina virou sinônimo de violência, ou seja, algo muito negativo, onde a escola muitas vezes para valorizar a liberdade dos alunos, acaba sofrendo a coação dos próprios alunos. O professor perdeu a autoridade de organizar e direcionar as atividades em sala de aula, porque às concepções pedagógicas valorizam com relevância os direitos dos alunos, mas esquecem de ensinar os deveres.

### **2.1.3 A educação do cuidado: A disciplina**

Cuidado é o primeiro momento da educação física. Segundo Kant; “por cuidados entendem-se as precauções que os pais tomam para impedir que as crianças façam uso nocivo de suas forças” (KANT, 2004, p. 11). O cuidado requer precauções para evitar desastres de quem ainda não domina suas forças físicas.

Nesta primeira etapa da educação, os pais devem cuidar de seus filhos para que estes não prejudiquem a si mesmos. Segundo Kant, os homens não possuem instintos do mesmo modo que os animais. Os animais através do instinto já nascem prontos e assim seguem seu destino, já são tudo aquilo que podem ser. Nesse sentido, os animais não necessitam de disciplina assim como o homem. Kant afirma:

[...] a disciplina submete o homem às leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força [coerção] das próprias leis. Assim, as crianças são mandadas cedo à escola, não para que aí aprendam alguma coisa, mas para que aí se acostumem a ficar sentadas tranquilamente e a obedecer pontualmente àquilo que lhes é mandado, a fim de que no futuro elas não sigam de fato e imediatamente cada um de seus caprichos (...). Assim, é preciso acostumá-lo logo a submeter-se aos preceitos da razão (KANT, 2004. p.12-13).

Na filosofia da educação kantiana toma-se como ponto de partida a existência de um “sentido” para a espécie humana um sentido que tem uma finalidade. A natureza dispôs nos homens sementes de humanidade e nestas estão contidas o seu destino. Cabe à educação cultivar essas sementes para que se

desenvolvam bem e deem bons frutos. Se os animais cumprem o seu destino espontaneamente e sem o saber, o homem, por sua vez, não é obrigado a tentar consegui-lo sem antes ter dele um conceito. Isto se refere ao fato de que “o indivíduo não pode cumprir por si só esta destinação, esta finalidade, pois, não pode ser atingida pelo homem singular, mas unicamente pela espécie humana” (KANT, 2004, p. 19). “Age de tal forma em que a máxima de tua vontade possa sempre valer ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal” (KANT, 2008, p. 47). É um fim para qualquer um (no caso de pessoas) porque é um fim em si mesmo. Justamente temos um imperativo categórico quando a vontade não tem em vista obter determinado efeito desejado, como felicidade, prazer, mas sim, agir pelo “puro dever”. Ao agir pelo puro dever, o ser humano torna-se digno de felicidade. Mas como é possível um imperativo categórico? Diz Kant a partir da *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*.

A ideia de liberdade faz de mim um membro do mundo inteligível; se eu não fizesse parte mais do que desse mundo inteligível, todas as minhas ações seriam sempre conformes à autonomia da vontade; mas como, ao mesmo tempo, me considero membro do mundo sensível, essas minhas ações devem ser conformes à mesma autonomia. O uso prático da razão comum humana confirma com exatidão essa dedução (KANT, 1990, p. 86-87).

O imperativo categórico não tem necessidade de ser justificado ou provado. Ele se impõe à consciência como “fato da razão”. Esse “fato” só pode ser explicado admitindo-se a liberdade.

A ideia de liberdade como autonomia revela ser, pois, o fundamento para o imperativo categórico, o pressuposto necessário por nós concedido a nós próprios e a outros seres racionais na medida em que possuem uma vontade ou consciência de sua causalidade em relação às suas ações (CAYGILL, 2000, p. 194).

A disciplina educa primeiramente para a obediência levando à criança a consciência do dever (lei moral) para adquirir consciência da liberdade. No entanto, a obediência possui dois aspectos: o primeiro deve ser obediência absoluta das determinações de um governante, e o segundo é a obediência à vontade que o próprio sujeito reconhece como racional e boa. Aos poucos a disciplina se interioriza e a criança passa a obedecer a si mesma, quando descobre a liberdade. Torna-se então uma obediência voluntária, não fundada na autoridade do outro, mas na obediência à razão, a si mesmo, descobrindo assim a autonomia. O que devemos

levar em consideração aqui é possibilidade de obedecer à sua própria razão, porque podemos ouvi-la e compreender seus ordenamentos através da consciência do imperativo, que me ordena querer segundo a pura forma da lei, isto é, ordena-me à liberdade. Conhecemos primeiro a lei moral (dever) como fato da razão e, depois, dela inferimos a liberdade como seu fundamento e como sua condição. Aprender a obedecer à própria lei é fundamento para a possibilidade de um ser autônomo.

A disciplina é negativa, porem necessária para a construção humana. Negativa porque impede os defeitos do homem. Aqui, o constrangimento é mecânico e impede que a parte animal se imponha sobre a humanidade, tanto no indivíduo como na sociedade. É basicamente domesticação de quem ainda não tem cultura de nenhuma espécie. No homem, a disciplina é puramente negativa e necessária, pois tira dele a selvageria, em direção à humanidade. Nesse sentido, Pinheiro afirma que;

A partir da ideia de disciplina, temos que a tarefa da educação é a de vencer os impulsos anárquicos da liberdade nativa. A fim de cultivar a razão, desde a infância, é necessária a aplicação da disciplina e da coação (PINHEIRO, 2007, p. 33).

Um erro, no qual se cai comumente na educação dos grandes, é de não se lhes opor nenhuma resistência durante a juventude, porque estão destinados a comandar”. Kant usa o termo “grandes” se referindo à aqueles que governam: Estado, nação, República, a estes mais do que nunca deve ser imposto limites. Como alguém pode governar, comandar se não conhece o que é liberdade?

Destarte, a tarefa máxima da disciplina na educação em Kant é justamente fazer as crianças poderem aprender a obedecer, incutindo nas mesmas o conceito do “dever”. “A disciplina favorece o surgimento da obediência. Não uma obediência cega e totalmente heterônoma. Muito menos uma obediência a impulsos e desejos imediatos, mas uma obediência às regras racionais autônomas” (PINHEIRO, 2007 p. 48).

A disciplina atua de maneira negativa no que diz respeito à importância dos limites, para que o mesmo se submeta às leis. Em contrapartida, contribui para que a criança se torne um adulto capaz de reconhecer suas potencialidades e seus limites. A falta de disciplina é um mau pior que a falta de cultura. “A cultura pode ser remediada mais tarde, enquanto que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina”. (KANT, 2004, p. 44). Para Kant a disciplina não é oposta à

autonomia, ao contrário, a disciplina é necessária para que o homem aprenda a guiar sua vontade pela razão e assim possa ser autônomo.

A visão antropológica kantiana dualista segundo a qual o homem é, ao mesmo tempo, um ser animal (irracional) e racional que auxilia o entendimento do papel da disciplina que é converter a animalidade em humanidade. Pelo dever de cumprir a “inteira destinação”, o homem tem a obrigação de superar a dualidade “natureza/liberdade”.

Para Kant, a disciplina é extremamente necessária para que a vontade não seja corrompida pelas inclinações sensíveis. No entanto, a disciplina não pode tratar as crianças como escravas, elas precisam sentir sua liberdade, mas de modo que não ofendam os demais. O respeito à dignidade da criança sempre deve estar presente para que não se promova um simples adestramento. A vontade da criança não pode ser quebrada, o que acarretaria um modo de pensar escravo e, portanto, heterônomo. Mas a vontade deve ser disciplinada para que possa se guiar pela razão e assim haja autonomia.

#### **2.1.4 Educação Física como instrução ou cultura: parte positiva**

A parte positiva da educação em Kant diz respeito à cultura. Ela vai garantir à espécie humana o cumprimento de sua finalidade, que é chegar a um estado melhor no futuro. Na obra *Crítica da Razão Prática*, (conforme imperativo categórico já acima citado no item 2.1.3) Kant vai dizer que “há uma razão prática pura” e com isso critica todo o poder prático da razão, ou seja, leva a fundo o poder da razão. Assim a essência do imperativo consiste precisamente em sua validade em virtude da sua forma da lei, isto é, por sua racionalidade. A lei moral é tal porque me ordena a respeitá-la enquanto lei; “deves porque deves”.

Segue-se que a formação moral do homem não deve começar pelo melhoramento dos costumes, mas pela transformação na maneira de pensar pelo embasamento do caráter, ainda que geralmente se proceda de outra forma e que se combatam os vícios em particular, deixando intacta sua raiz comum. Por mais que o homem seja virtuoso, tudo o que pode fazer de bom não é, contudo, senão seu dever. Ora, cumprir seu dever não é outra coisa senão o que se enquadra na ordem moral usual (KANT, 2004, p. 52).

O educando deve usar a sua reflexão e a sua liberdade, desde que compreenda que haverá sempre uma regra ou lei que o submete. “Quem não tem cultura de nenhuma espécie é um bruto; quem não tem disciplina ou educação é um

selvagem” (KANT, 2004, p. 16). “A cultura consiste notadamente no exercício das forças da índole” (KANT, 2004, p, 53).

Por meio da cultura, parte positiva da educação, é dada a possibilidade da instrução e da aprendizagem nas diversas áreas do conhecimento ao educando. “A cultura é o ponto culminante da educação física em Kant. Por meio dela, o indivíduo aprende a obedecer à lei moral unicamente por respeito” (PINHEIRO, 2007, p. 16). Em outras palavras, a relação com a cultura não deverá ser de passividade, ao contrário, deverá ser plenamente ativa, embora o ser humano ainda não formado ou educado necessita de uma manifestação física da virtude com a qual ele possa identificar-se e com ela aprender. Na *Metafísica dos costumes*, Kant anota que:

Os meios experimentais (técnicos) para a formação da virtude é o bom exemplo do próprio professor e o exemplo preventivo de outras pessoas, porque a imitação, para o ser humano ainda não formado, é a primeira determinação da vontade para aceitar máximas que ele subsequentemente vai elaborar para si próprio. Finalmente, o estudante precisa deixar-se levar por esta linha condutora (KANT, 2002, p. 137).

O objetivo é que o estudante compreenda que a norma e a instrução repousam somente na sua razão. Com o processo educativo, sua própria razão vai ensinar-lhe aquilo que ele tem que fazer e diretamente lhe comanda a fazer.

Como afirma Paulo Francisco de Oliveira, em seu trabalho *A Disciplina na Pedagogia de Kant: uma contribuição moderna para a discussão de problemas contemporâneos*, publicado nos Anais do XVII Congresso Nacional do CONPEDI, realizado em Brasília – DF nos dias 20, 21 e 22 de novembro de 2008.

A cultura é também denominada por Kant como a obtenção de habilidades, sendo estas consideradas obtidas quando as pessoas alcançam com sucesso todos os seus fins escolhidos. Entretanto, o autor ressalta que para o desenvolvimento da habilidade a primeira e principal regra é dispensar ao máximo o uso de instrumentos pela criança, pois o uso de instrumentos causa danos à habilidade natural (OLIVEIRA, 2008, p. 4831).

Kant recomenda que sejam dispensados os carrinhos ou "andadeiras" para a criança, deixando assim que ela exercite sua própria habilidade de andar. Deve-se evitar também que sejam utilizados instrumentos para calcular, medir distâncias, espaço ou tempo. Até mesmo nas práticas lúdicas, devem ser introduzidas atividades que desenvolvam as potencialidades da criança, permitindo assim que esta exercite seu raciocínio, bem como desenvolva o uso voluntário dos órgãos dos sentidos.

É preciso que desde o início se utilize poucos instrumentos para permitir que a criança desenvolva sua habilidade de forma natural, aprendendo as coisas por si mesmas, pois quanto mais são utilizados os meios artificiais, tanto mais o homem ficará dependente deles. Os pais e educadores devem propiciar ao máximo às crianças o desenvolvimento natural de suas habilidades. Tornar-se culto está ligado ao desenvolvimento de várias formas de habilidades tais como; ler e escrever, tomar gosto pela música, aprender diversos jogos etc. A habilidade é infinita e possui muitos fins.

Portanto, o desenvolvimento da habilidade é considerado por Kant, como “educação mecânica” que está baseada somente em acontecimentos ocorridos, ou seja, fatos empíricos onde se aprende, se algo é ou não prejudicial ao homem. Acontece somente em certas oportunidades ou circunstâncias. Nesse sentido, é preciso desenvolver nas crianças a educação “raciocinada”, pois é através dela que se desenvolve a natureza humana de tal modo que esta possa conseguir o seu destino. “É preciso colocar a ciência no lugar do mecanismo, no que tange à arte da educação; de outro modo, esta não se tornará jamais um esforço coerente” (KANT, 2004, p. 22).

### **2.1.5 O que Kant entende por esclarecimento**

A educação raciocinada supera a memorização que é superficial e permite a criança pensar, como queria Kant; “os alunos não deviam ir à escola para aprender pensamentos, mas para aprender a pensar”. Afirma Kant em sua obra *Crítica da Faculdade do Juízo* que; “a produção em um ser racional de uma aptidão para quaisquer fins em geral de sua própria escolha (consequentemente de sua liberdade) é cultura” (KANT, 1995, p. 58).

Aprender a pensar não significa, portanto, aprender pensamentos ensinados pelo professor. Para Kant pode-se apenas a aprender a filosofar, exercer o talento da razão; aprende-se a filosofar pelo exercício e pelo uso que se faz para si mesmo de sua própria razão. O papel da reflexão ou da razão autônoma não está em treinar a memória e nem a erudição, porém possibilitar a formação de um indivíduo esclarecido. Na Resposta a Pergunta: *Que é Esclarecimento? (Aufklärung)* em 1783, Kant diz que o homem deve sair da menoridade e o grande responsável dessa saída

é o próprio homem. Portanto, é preciso que o homem faça o uso do seu entendimento, mas, isso exige esforço.

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha (naturaliter maiorennnes), continue, não obstante, de bom grado menores durante toda a vida. São também as causas que explicam porque é tão fácil que os outros se constituam seus tutores. É tão cômodo ser menor! Se tenho um livro que faz às vezes do meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que decide por mim a respeito de minha saúde, etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo (KANT, 2004, p. 01).

O homem tem capacidade de usar o seu entendimento para buscar a sua liberdade, nisso é preciso que tenha disposição, ousadia, coragem de servir-se de si mesmo. “*Sapere aude*”, esse é o lema que inspirou o Iluminismo em todos os aspectos, saber usar a razão para buscar esclarecimento em relação às questões que abrangem o mundo em geral. O uso da razão é desenvolvido e aperfeiçoado somente com a educação. Conforme Jean Marie Vaysse no *Vocabulário de Immanuel Kant*,

Kant rompe com o otimismo que caracteriza alguns aspectos do racionalismo de sua época, inspirado em Leibniz e Wolff. Ao rejeitar a metafísica dogmática, que tinha influenciado fortemente o iluminismo alemão, ele marca um ponto de ruptura (VAYSSE, 2012, p. 28).

A educação deve afastar o máximo possível à preguiça e a covardia, impedimentos maiores do desenvolvimento da razão. Como já acima citamos a educação escolar tanto a nível inicial, quanto a nível médio não vem realizando a tarefa de pensar, ou melhor, “ensinar a pensar”, apenas ensina pensamentos seguindo uma lógica curricular determinada.

Os pais também não impõe disciplina aos filhos ou atropelam o processo educacional porque em muitos casos temos as crianças como “adultos em miniatura”, liberdade exagerada pela qual são prejudicadas. Tais questões não propiciam o desenvolvimento da razão que é algo natural, mas que requer esforço educacional. Atualmente, as crianças crescem sem a noção da obediência e do dever e isso é um problema para a educação escolar:

uma árvore que permanece isolada no meio do campo não cresce direito e expande longos galhos; pelo contrário, aquela que cresce no meio de uma



floresta cresce ereta por causa da resistência que lhe opões as outras árvores (KANT, 2004, p. 24).

O esclarecimento é o bom uso da razão e conduz à autonomia. O estudante deve aprender a pensar, conforme diz Kant na *Crítica da Razão pura*: “só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais” (KANT, 1980, p. 407). Nessa perspectiva, aprender a usar a razão é exercer o direito de refletir por si próprio, de confirmar ou rejeitar as ideias e os conceitos com os quais se depara. A saída do estado de “menoridade” e “buscar o esclarecimento constitui tarefa de cada indivíduo. Mas, o abandono desse estado é em prol da humanidade inteira e não para o seu próprio proveito” (PINHEIRO, 2007, p. 36). O esclarecimento é “longo e difícil de realizar, é um trabalho de muito fôlego e só se espalha muito lentamente” (VAYSSE, 2012, p. 28). O esclarecimento traz a compreensão acerca da perfeição gradual da espécie humana através da cultura e da educação moral.

#### **2.1.6 A importância do trabalho para a educação da criança**

Kant também chama atenção para a cultura “livre” e cultura “escolástica” e ressalta a importância de ambas. A primeira é igual a um divertimento e deve ser encontrada naturalmente no aluno, enquanto que a segunda é mais séria. A cultura escolástica é considerada uma obrigação, isto é, um trabalho para a criança. “A criança deve brincar nas horas do recreio, mas deve também aprender a trabalhar. Certamente é bom exercitar a sua habilidade e cultivar o seu espírito” (KANT, 2004, p. 60). O que se deve ensinar às crianças é diferenciar horários, como que mesma irá desenvolver os dois tipos de cultura, cada qual em momento adequado. “O homem é a única criatura que precisa trabalhar” (KANT, 2004, p.61). É preciso desenvolver essa ideia do trabalho na criança desde cedo como ideia de um dever. Segundo Kant, “e onde a tendência ao trabalho pode ser bem mais cultivada que na escola? A escola é uma cultura obrigatória” (KANT, 2004, p. 63).

O trabalho recebe importância no processo pedagógico de Kant, pois “através dele o caminho para o inteiro cumprimento da razão está assegurado” (PINHEIRO, 2007, p. 88). Alexis Philonenko abordando à questão da educação em Kant destaca a importância do trabalho como “tarefa fundamental para o processo educacional”. “O trabalho traduz o conceito sintético que une obediência e liberdade, coação e

vontade, necessários para a fundação da educação. antes de tudo o trabalho é obediência” (PHILONENKO, 1997, p. 53). Segundo Pinheiro:

O trabalho é de grande importância para a compreensão do processo de educação, já que supõe duas condições fundamentais; a coação e uma ocupação que permite ao indivíduo um esquecimento de si mesmo (PINHEIRO, 2007, p. 89).

Destaca Kant; “o homem deve permanecer ocupado, de tal modo que, tendo em vista o fim que almeja se realize sem sentir-se a si mesmo” (KANT, 2007, p. 63). A escola deve dar enfoque para o trabalho, pois o mesmo efetua na criança a responsabilidade e a autonomia, ainda que seja nas pequenas coisas.

No processo inteiro da educação, o trabalho representa, de maneira mais clara, a saída do homem de sua situação selvagem, pois sua natureza animal é afastada pelo trabalho (PINHEIRO, 2007, p. 89).

Para além da formação individual, o trabalho possibilita a relação com o outro, isto é, “o trabalho forma o homem e o mundo, visto que na medida em que, através dele se cria algo, também se exerce a liberdade” (PINHEIRO, 2007, p. 89). O que devemos entender do trabalho em Kant é que não está no sentido de “escravizar a criança”, mas sim na compreensão de acarretar na mesma a identidade de pessoa (homem) e, se a escola assim o fizer está colaborando com “a conquista da educação humana, da evolução dos costumes, do progresso do espírito humano” (...) O trabalho constitui “uma conquista da cultura prática, tanto escolástica quanto livre”. Destarte, “essa cultura prática se acha baseada na ideia, do dever, do respeito e do bem” (PINHEIRO, 2007, p. 89).

### **2.1.7 A educação e o desenvolvimento das capacidades no homem**

Também a educação deve cuidar para que o homem se torne prudente, (educação pragmática) que ele permaneça em seu lugar na sociedade e que seja querido e tenha influencia. A esse modo de cultura é o que Kant chamou de “civildade”, (mais a frente faremos a distinção entre “cultura e “civilização”, item 2.1.8) isto é, modos corteses, gentis em função de nos servirmos de outros homens para nossos fins. A formação da prudência prepara o homem para tornar-se um cidadão, uma vez que lhe confere um valor público.

O homem aprende tanto a tirar partido da sociedade civil para os seus fins como a conformar-se a ela. A prudência pressupõe a habilidade: é a capacidade de usar bem e com proveito as capacidades próprias. Kant lembra que por meio deste tipo de educação é possível o desenvolvimento não apenas das boas maneiras, mas também de um comportamento, um modo de agir pelo qual o ser humano seja capaz de, livremente, estabelecer relações, vínculos de ordens diversas e que seja reconhecido no ambiente em que vive.

Entendendo a educação em Kant numa perspectiva de progresso podemos perceber que todas as partes da educação visam basicamente à moralização, mesmo que os participantes individuais estejam agindo despercebidos deste objetivo maior ainda em um nível pré-moral de cultura e civilização. No enfoque histórico adotado por Kant no texto, *Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*, a natureza apresenta um “curso uniforme e ininterrupto” (KANT, 2003, p. 4). Há um propósito que permite a construção de uma história a partir de um plano para o ser humano.

As disposições originárias vinculadas à faculdade da razão progridem aos poucos, mas que o pleno desenvolvimento racional acontece somente na espécie e não no indivíduo. (aqui retomamos brevemente à ideia que já tratamos no item 1.1 *A importância da educação analisada por Kant no processo de desenvolvimento da razão*, p. 01). O grau de desenvolvimento aspirado pelo propósito da natureza só pode ser alcançado através do exercício contínuo da faculdade da razão no decorrer de inumeráveis gerações.

Kant destaca o seguinte problema a partir de um “antagonismo”, do homem em relação a natureza, bem como do homem em relação aos outros homens em sociedade. A natureza impõe ao homem “alcançar uma sociedade civil que administre universalmente o direito” (KANT, 2003, p. 10). O desenvolvimento das disposições só pode ser alcançado em sociedade que por admitir a máxima liberdade, promove o antagonismo daqueles que dela participam. Nisso, “a natureza quer que a humanidade proporcione a si mesma este propósito, como todos os outros fins de sua destinação” (KANT, 2003, p. 10). Assim, o objetivo mais nobre que a natureza dá ao homem é construir uma sociedade onde se encontre uma “constituição civil perfeitamente justa” (KANT, 2003, p. 10). Estado civil oferece outra coisa que não os males que oprimiam os indivíduos antes da sua entrada em sociedade.

A sociedade fornece garantias ao homem selvagem, no sentido de dar-lhe direitos e deveres. Nesse ponto, o antagonismo está na relação entre Estados, que devem estabelecer relações de tranquilidade com os outros Estados, isto é, “Estado cosmopolita de segurança pública entre os Estados” (KANT, 2003, p. 14). Entretanto, a natureza segue “...um curso regular para conduzir a nossa espécie aos poucos de um grau inferior de animalidade até o grau supremo de humanidade” (KANT, 2003, p. 17). A história humana pode ser considerada “...como a realização de um plano oculto da natureza para estabelecer uma constituição política perfeita...” (KANT, 2003, p.17). Que só é alcançada pelo processo educacional. Educação e política se complementam haja visto que o homem pelo fato de necessitar de desenvolvimento e possuir dois aspectos antagônicos no seu ser, tem um caráter de incompletude, ou seja, que ao contrário dos animais que têm sua existência determinada pelos instintos, ao homem que não tem seus comportamentos previstos desta forma, foi dado o poder de escolha e decisão.

### **2.1.8 Educação Prática como educação moral**

A educação prática, no seu sentido amplo, possui três partes: a formação mecânico-escolástica em relação à habilitação; a formação pragmática que diz respeito à prudência e a formação moral que concerne à ética. Conforme a *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático*: essas três partes da educação prática “mapeiam os três estágios – cultura, civilização e moralização – dentro da história humana” (KANT, 2009, p. 324).

A educação moral é o ponto culminante de todo o processo de educação em Kant. “Por meio da educação moral, abre-se a oportunidade para podermos pensar que o homem logra almejar a totalidade de seus desígnios superiores” (PINHEIRO, 2007, p. 17). A moralização, tal como posta em *Sobre a pedagogia*, não pode ser uma simples adição da cultura e da civilização. Ela envolve também uma passagem para o reino da liberdade, isto é, como “reino dos fins” que, logicamente, pressupõe os passos preparatórios da cultura e da civilização. A moralidade “pertence” à cultura no sentido em que ela necessariamente pressupõe o desenvolvimento cultural e pode somente crescer a partir dele. Mas a moralidade não “pertence” à cultura no sentido em que, em certo nível de cultura, alguém necessariamente “vê” a moralidade.

Cabe aqui distinguirmos “cultura” de civilização em Kant, mesmo que já acima mencionamos os dois conceitos. Segundo Mário Nogueira de Oliveira em seu trabalho intitulado: *Filosofia da Educação de Kant e o Ensino da Virtude*, diz que:

Cultura, como os outros estágios da educação, é frequentemente utilizado por Kant num duplo sentido: às vezes esse termo se refere à formação geral da humanidade para além da animalidade na raça humana como um todo. Às vezes, esse termo se refere a processos educacionais mais específicos dirigidos a grupos particulares assim como a indivíduos (OLIVEIRA, 2004, p. 07).

Nesse sentido, cultura “é a obtenção de habilidades” as pessoas possuem habilidades quando elas podem alcançar com sucesso todos os seus fins escolhidos (sejam eles quais forem) – ou seja, elas possuem habilidades simplesmente quando são bons em raciocínios instrumentais. Como menciona Kant *na Crítica do Juízo*: “A produção em um ser racional de uma aptidão para quaisquer fins em geral de sua própria escolha (consequentemente de sua liberdade) é cultura” (KANT, 1995, p. 431).

Com frequência Kant faz uma distinção adicional entre a cultura geral e “um certo tipo de cultura, que é chamada de civilização”. A civilização como uma forma específica de cultura objetiva, não apenas a habilitação, mas também a prudência que representa um estágio mais alto de desenvolvimento. A civilização diz respeito à prudência. A pessoa prudente, civilizada, portanto, possui certas elegâncias sociais (elegâncias que claramente possuem seu lado manipulador) que a pessoa meramente hábil não possui.

A civilização conduz ao último estágio da educação que é a moralização. Nesse caso, “Kant frequentemente usa “civilização” como parte de um trio (e, às vezes, de um quarteto, quando a disciplina é acrescentada) de estágios necessários para o desenvolvimento humano” (OLIVEIRA, 2004, p. 09). Da mesma forma, ao final da *Antropologia*, Kant afirma:

O resumo da antropologia pragmática com referência ao destino do ser humano e as características da sua educação é o seguinte: o ser humano é destinado através da sua razão a estar em sociedade com outros seres humanos e se cultivar, civilizar-se e moralizar-se nessa sociedade através das artes e das ciências (KANT, 2009, p. 324).

Kant mencionou em seu contexto que a humanidade estava ainda muito distante do estágio final da moralização: “vivemos em um tempo de treinamento

disciplinar, de cultura e de civilização, mas de modo algum em um tempo de moralização” (KANT, 2004, p. 28). O que podemos dizer hoje a respeito de tal afirmação? Quais são os objetivos do nosso sistema educacional? Será que existem preocupações com a formação humana, ou apenas preparar mão-de-obra barata para o mercado de trabalho? Qual é a relação da Escola com a Educação e a sociedade? Quais são os objetivos políticos da educação?

Se olharmos atentamente para nossa educação, veremos que temos sérios problemas com relação à disciplina das crianças. As concepções pedagógicas atuais tecnicistas, progressistas, comportamentalistas, parece que não correspondem com a necessidade de uma formação sólida, porque acabam atropelando o processo educacional. Criou-se a ideia do “aluno protagonista” do seu processo educacional e do “professor facilitador” desse processo. O que não se criou foram condições para que esse modelo de educação desse certo, (educação moral) a boa formação do professor para orientar de forma adequado o aprendizado do aluno, que na maioria das vezes se sente livre, mas uma liberdade que o atrapalha.

Talvez hoje na educação tenhamos uma “pseudo liberdade”: os alunos possuem muitas informações, acesso às diferentes formas de mídia, equipamentos tecnológicos, materiais de divulgação, etc. O que não se tem é um bom aproveitamento dessas informações, orientações para que deles façam bom uso. Com isso em matéria de educação temos uma segregação e uma instrumentalização do aluno que não leva o mesmo a pensar. É nessa perspectiva que devemos olhar para a filosofia educacional de Kant (doutrina da educação), isto é, para pensar tais problemas contemporâneos da educação e tê-la como embasamento crítico.

A educação atual necessita de parâmetros sólidos, os alunos possuem capacidades de pensar e se desenvolver, o que precisa é aprofundar mais às atividades de leitura, escrita, pensamento e reflexão. Sem o ensino da autonomia a escola acaba formando alunos que não tem compromissos ou responsabilidades para consigo mesmo até mesmo em realizar as próprias atividades escolares, que dirá então da responsabilidade para com a humanidade. “A ideia de uma educação como formadora do caráter moral do indivíduo, requer um pensamento autônomo” (PINHEIRO, 2007, p. 106).

Para além das “informações”, devemos buscar o conhecimento das coisas e, se a escola não for o local de busca do conhecimento, não está cumprindo com seu

papel de educar e não está levando os alunos a pensarem. Absorver informações na atualidade se tornou matéria fácil devido às muitas possibilidades midiáticas, pois o *cyber espaço* criou uma *cyber cultura* que a todo o momento é justificada e afirmada pela consciência coletiva. Pensar sobre essas questões não é tarefa fácil e essa deve ser uma problemática da escola em seu projeto educacional. Talvez nesse sentido que podemos compreender quando Kant menciona que uma das tarefas mais árduas é “a tarefa de educar os homens”.

A educação moral é a finalidade última do processo de educação postulado por Kant, não como o ensino de normas e regras, mas sim é o “pensar por si mesmo”. “A autonomia, caráter fundamental para o desenvolvimento da razão e da moralidade é requerido como princípio para a possibilidade da educação moral” (PINHEIRO, 2007, p. 106). Kant perseguiu o caminho da educação:

Não por mero acaso, mas porque sabia que, apenas pela educação, seria possível postular uma sociedade justa, onde reinasse o direito, a igualdade, a liberdade, o respeito e a moral (PINHEIRO, 2007, p. 156).

A educação é um conceito fundamental a ser debatido, pois nela concentram-se os problemas fundamentais da contemporaneidade. A escola deve ensinar ou resgatar a ideia de autonomia que a muito não é vivenciada no processo educacional. Nisso, o estudo da educação em Kant se faz necessário.

### **2.1.9 A educação como formação do caráter**

A moralidade diz respeito à *formação do caráter*, nisso é preciso ensinar as crianças a cuidar da moralização: conseguir a disposição de escolher apenas os bons fins, (leis morais) para domar as paixões. Para aprender a se privar de alguma coisa são necessárias coragem e certa inclinação. É preciso acostumar-se às recusas e à resistência. Mas não é só com abstinências que se forma um caráter. Kant assegura que este é formado também na sociabilidade. Diz que o educando deve manter boas relações de amizade. A etapa suprema da moralização é consolidação do caráter que:

Consiste na resolução firme de querer fazer algo e colocá-lo realmente em prática. (...). Se, por exemplo, prometi algo a alguém, devo manter minha promessa, mesmo que isso acarrete algum dano. Porque um homem que toma uma decisão e não a cumpre, não pode ter confiança em si mesmo (KANT, 1996, p. 87).

O primeiro esforço da cultura moral deve ser lançar os fundamentos do caráter. Para Kant, o caráter consiste no hábito de agir segundo certas máximas. Estas se iniciam primeiramente na escola e, mais tarde, são aperfeiçoadas pela humanidade. Como afirma Mário N. de Oliveira em artigo denominado; *A educação na ética kantiana*, publicado na Revista Educação e Pesquisa.

Quando se quer formar o caráter das crianças, urge mostrar-lhes em todas as coisas certo plano e certas leis, que elas devem seguir fielmente. Isso porque Kant acredita na educação moral como fomentadora da confiabilidade entre os homens (OLIVEIRA, 2004, p. 457).

Segundo Kant, a solidificação do caráter moral das crianças deve ser ensinado através de exemplos e com regras, os deveres a cumprir. Destacam-se aqui dois tipos de deveres; *Deveres para consigo mesmas* e *deveres para com os demais*. Nos *deveres para consigo mesmas*, a criança deve conservar a dignidade interior, evitando à mentira, a languidez, a preguiça, os vícios, etc. “Deveres para consigo mesmo, porém, consiste, diríamos, em que o homem preserve a dignidade humana em sua própria pessoa” (KANT, 2004, p. 91).

Nos *deveres para com os demais*, deve se ensinar desde cedo às crianças o respeito e atenção aos direitos humanos. Sempre que a criança desrespeitar os direitos dos demais, (agressões, calúnias) deve lhe ser mostrada com severidade que a sua conduta é contrária ao direito de humanidade. Para Kant, o homem não é nem bom e nem mau por natureza, em virtude de que não é um ser moral por natureza; “torna-se moral apenas quando eleva a sua razão até aos conceitos do dever e da lei” (KANT, 2004, p.95). Esse é um fato antropológico fundamental que dirige todo pensamento acerca do caráter do homem. Conforme Pinheiro:

Ora, se a possibilidade de realização de um reino dos fins é vislumbrada, ou ao menos desejada, ela traz a necessidade do cumprimento da boa vontade (PINHEIRO, 2007, p. 65).

A moralidade não pode simplesmente ser um produto causal da educação, mas ela pressupõe a educação como uma pré-condição necessária uma vez que “por natureza o ser humano não é um ser moral em absoluto” (KANT, 2004, p. 95).

A formação do caráter é de fundamental importância e isso deve ser mostrado às crianças como diz Kant; “se lhes é estabelecida a hora de dormir, trabalhar, para brincar, esse horário não deve ser dilatado ou abreviado” (KANT,



2004, p. 83). Ainda prossegue Kant: “não é necessário, entretanto, criar na criança um caráter de adulto, mas sim, o de uma criança” (KANT, 2004, p. 83). Kant está certo, entretanto que o entendimento pleno do estudante sobre o agir por dever somente será possível com o passar dos anos, mas tem certeza que assim, sua obediência, a cada dia, será ainda mais perfeita para postular uma sociedade justa de direito, igualdade, liberdade, e respeito moral. Vale lembrar que “os conceitos básicos da filosofia moral e da filosofia política perpassam, constantemente, o caminho da educação” (PINHEIRO, 2007, p. 156).

Atualmente essas questões não são pensadas, porque a educação é como um todo fragmentada, ou seja, não há uma relação da educação (escola) com a sociedade (Estado). A moral virou sinônimo de “conservadorismo” e a política de “corrupção”. Na verdade, a escola propõe ações para resolver problemas do “aqui e agora”, instantâneos (mesmo assim não consegue) e com isso perde seu caráter formador. Eis a importância de olharmos para uma concepção crítica de educação, no caso da pedagogia kantiana e dela tirarmos as contribuições necessárias para a educação atual.

A educação ganha centralidade na filosofia kantiana justamente porque busca responder a quarta questão: o que é o homem? Nisso, há necessidade de seu estudo, uma vez que precisa-se se compreender quem educa (pais, professores, governantes) para se compreender quem se quer educar. Conforme Pinheiro, “a educação em Kant, nos mostra sua preocupação com a formação do homem, com vistas ao fim supremo. Então, a educação é ela mesma, possibilitadora do esclarecimento e do progresso do homem” (PINHEIRO, 2007, p. 156).

O plano da natureza é “a perfeição do ser humano através da cultura progressiva” e, na maior parte do tempo, nós somos participantes inconscientes desse plano. Esta perfeição do ser humano implica em Kant na formação do caráter que é aperfeiçoado pela educação moral, último estágio da formação do ser humano que se concretiza na humanidade. Destarte, mais uma vez utilizamos a importante citação de Kant em *Sobre a Pedagogia*: “Não se deve educar as crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas segundo um estado melhor possível no futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e sua inteira disposição” (KANT, 2004 p. 15). “Assim, é mister que a direção tomada pelo indivíduo seja a direção do bem, a fim de que toda a comunidade possa almejar o reino dos fins, de maneira realmente universal” (PINHEIRO, 2007, p. 73).

A moralidade para os seres humanos é, na visão de Kant, o resultado pretendido de um processo educacional extensivo já que “atrás da educação repousa o grande segredo da perfeição da raça humana”. A educação moral não é o “ensino de normas e regras morais, mas sim, é o próprio pensar por si mesmo”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da problemática que nos propomos a refletir no decorrer deste trabalho, ou seja, como a concepção de educação proposta por Kant, ligada ao processo de esclarecimento, pode contribuir para a educação atual, podemos perceber a preocupação de Kant em relação ao conhecimento do homem. A pergunta o que é o homem, vem ao encontro do conhecimento da “natureza do homem”. É um ser bom? Ruim? É um ser moral? Segundo Kant, o homem não é nem bom e nem mau, torna-se moral mediante o aperfeiçoamento e o desenvolvimento do uso da razão. Tal aperfeiçoamento do uso da razão só é possível mediante a educação, pois o homem é a única criatura que precisa ser educada e pode ser educada. Nisso, a educação em Kant, persegue um ideal de homem e é aí que a doutrina da educação supera os limites da antropologia prática e recebe um caráter crítico indo além de um simples manual pedagógico. A concepção de educação em Kant está estreitamente ligada com a filosofia, nisso a valorização do ensino de filosofia nas escolas pode ser refletido a partir das preocupações críticas do nosso autor.

Desde o ano de 1996 a filosofia estava prevista na Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação, conforme o Art. 36 determinava que ao final do Ensino Médio, o estudante deveria “dominar os conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania” (BRASIL, LDB, 1996). Na prática isso não se concretizava porque a Filosofia era mantida como saber transversal às disciplinas do currículo. Somente em agosto de 2006, o parecer CNE/CEB nº. 38/2006 tornou a Filosofia e a Sociologia disciplinas obrigatórias no Ensino Médio e foi homologado pelo Ministério da Educação pela Resolução nº. 04 de 16 de agosto de 2006. No Paraná a obrigatoriedade tanto da Filosofia, quanto da Sociologia, na Matriz Curricular é assegurado pela lei nº. 15.228, aprovada em julho de 2006. Em 2008 acontece a correção da LDB, através da lei 11.684. Conforme Art. 36, inciso IV, lê-se o seguinte; “serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio” (BRASIL, LDB, 2008).

A preocupação com o ensino de Filosofia já vem desde Platão e seu embate com os sofistas chegando até Kant, onde ganha uma proporção fundamental. Quando se trata do ensino de filosofia, para Kant deve se levar em consideração a Filosofia e o filosofar: ensinamos a filosofar ou ensinamos a Filosofia? Segundo

Kant, só é possível ensinar a filosofar, ou seja, exercitar a capacidade e o desenvolvimento da razão. A Filosofia mesmo tendo retornada obrigatoriamente ao currículo escolar é desvalorizada em relação a outras disciplinas. Surgem questionamentos; qual é a finalidade da Filosofia no Ensino Médio? Como a Filosofia se traduz no processo de educação? O que representa a Filosofia como disciplina formativa? Com isso temos vários problemas: cada Estado toma rumos diferenciados em relação ao ensino de Filosofia que é ensinada de maneira sintetizada, isso porque, a sua carga horária é limitada em relação às demais disciplinas, como Português, Matemática, Física, História, etc.

A Filosofia na escola pública encontra dificuldades em ser ensinada porque talvez não faça parte da matriz curricular do Ensino Fundamental. Aparece de surpresa no Ensino Médio, as turmas do primeiro ano não conseguem assimilar os conteúdos, bem como a metodologia, isso porque não têm o hábito da leitura mais prolongada. A Filosofia tem muito a contribuir para a educação escolar, mas precisa ganhar mais espaço nas escolas, sair do campo teórico. É preciso rever os objetivos da SEED (Secretaria Estadual de Educação) sobre o ensino de Filosofia para o Ensino Médio através de seus documentos oficiais e livros didáticos.

Duas coisas deve-se levar em consideração; “o que ensinar” e o “como ensinar”. Essas duas coisas devem estar acompanhadas da capacitação dos docentes que é um grande problema no que se refere ao ensino de Filosofia. Geralmente temos professores dando aulas de Filosofia com formação em outras áreas; Geografia, História, Artes, Física, Letras etc. A falta de professores concursados também tem atrapalhado o processo pedagógico do ensino de Filosofia nas escolas. Tudo isso vem acontecendo, devido a não compreensão do papel da Filosofia para a educação, no que diz respeito a levar o sujeito a “pensar” sobre o “pensamento”, nisso há uma desvalorização do conteúdo filosófico. É nesse ponto que devemos tomar a filosofia de Kant para refletirmos sobre essas questões, mesmo que seja uma tarefa árdua. “Por ser livre, o homem é capaz de progredir e aprender a pensar” (PINHEIRO, 2007, p. 154).

Com a Matriz Curricular que temos hoje em nossa escola pública, será que o aluno é tratado como um ser que possui liberdade? O aluno é obrigado a absorver cinco tipos de conhecimento em um mesmo período (manhã, tarde ou noite) segregado, fragmentado que não faz nenhuma relação com a sua realidade, ou com seus objetivos pessoais, mas que por uma determinação pedagógica precisa

aprender. “A ideia de liberdade é, desse modo, princípio possibilitador da educação” (...) “ao mesmo tempo, é finalidade do processo pedagógico” (PINHEIRO, 2007, p. 154). A questão é a seguinte: como a educação proposta por Kant pode contribuir para estabelecer uma crítica à educação atual e levar o aluno a desenvolver em si a condição de pessoa?

Talvez perceber a noção de “processo” na educação kantiana seja muito importante para pensarmos a educação atual que não leva em consideração às etapas exigida pela educação; disciplina, instrução, formação (cultura) e a moralização como formação do caráter. Há dificuldades no papel de educar para o “esclarecimento e desenvolvimento da humanidade”. A noção de processo em Kant nos remete a noção de progresso: “O progresso garante a possibilidade de vislumbrarmos a finalidade moral do homem, não sob um aspecto individualista, mas universal, ou seja, a noção de progresso dá ao homem a esperança de atingir sua inteira finalidade na espécie” (PINHEIRO, p. 145-162, Dez 2004).

Segundo Kant, “o projeto de uma teoria da educação é um ideia muito nobre e não faz mal que não possamos realiza-lo (...)” “com a educação presente o homem não atinge plenamente a finalidade da sua existência” (KANT, 1996, p17). É por meio da educação que ha possibilidade de “progresso” e “esclarecimento” do ser humano, uma vez que a mesma é entendida como o processo inicial do esclarecimento e desenvolvimento da razão, que leva o homem a reconhecer-se como humanidade. “Para termos uma sociedade justa, faz-se mister um conjunto de cidadãos também justos, vale dizer morais” (PINHEIRO, 2007, p. 155). Assim temos que; “o processo de educação permeia os dois âmbitos, a fim de possibilitar a efetivação desse homem, mesmo que apenas como espécie” (PINHEIRO, 2007, p. 155). Conforme Pinheiro, podemos destacar:

A importância de estudarmos, profundamente, as questões que dizem respeito à educação. Por meio dela cumprimos a tarefa de compreender um pouco mais o que seja o homem. Dessa maneira, chegamos mais próximos da finalidade, não apenas da educação, mas de toda a filosofia (PINHEIRO, 2007, p. 155).

Destarte, o papel da educação em Kant leva-nos a quebrar pré-conceitos, respeitar o outro, olhar o outro, descobrir que o outro existe, isto é, ser tolerante para conviver em sociedade. “Uma educação que atinja sua finalidade cumpre, ao mesmo tempo, a finalidade da filosofia moral e política” (PINHEIRO, 2007, p. 154). A

educação em Kant apresenta-se como conteúdo filosófico e como exercício que possibilita ao estudante desenvolver o próprio pensamento. Nesse sentido, se faz necessário refletir sobre o papel da filosofia para a educação enquanto disciplina curricular das escolas públicas no Ensino Médio.

Destarte, o tema da “educação em Kant”, abordado na perspectiva do esclarecimento, envolve questões sempre importantes, pois são diretrizes de orientação de caráter ético, moral e político, o que nos parece ser o sentido essencial de “educação” no filósofo de Königsberg, por isso pensamos que nossa pesquisa tenha interesse para todos os que refletem sobre este tema.

## REFERÊNCIAS

APPLE, Mchel. **Ideología y currículo**. Madrid, Espanha: Akal, 2008.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Brasília: 1996.

BRASIL, Câmara dos Deputados: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: 6. Ed<sup>a</sup>. – Brasília, 2011. (Série legislação; n. 64)

CAYGILL, Howard. **Dicionário Kant**: Tradução; Álvaro Cabral, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERRY, Luc. **Kant**: uma leitura das três “críticas”. Tradução de Karina Jannini. Rio de Janeiro: DFEL, 2009.

.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (CRPr).

\_\_\_\_\_. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (CRP).

\_\_\_\_\_. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 1995. (FMC).

\_\_\_\_\_. Resposta à pergunta: **Que é esclarecimento?** In. KANT, Textos Seletos. 2. Ed. Petrópolis: 1985. p 100-117. (Resposta).

\_\_\_\_\_. **Sobre a Pedagogia**. Tradução: Francisco Cock Fontanella: Ed. Unimep, Piracicaba, São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. São Paulo: Martins Fontes Ed., 2003.

\_\_\_\_\_. **Crítica da Faculdade do Juízo**. Trad. por Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. **Antropología en sentido pragmático**. Trad. Espanhola de José Gaos. Madrid, Alianza, 1991.

**Metafísica dos Costumes**: II. Parte. Princípios Metafísicos da Doutrina da Virtude. Lisboa. Ed.70. 2004

\_\_\_\_\_. **Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático**: Tradução de Clélia Aparecida Martins São Paulo: Iluminuras, 2009.

LIMA, D. Jônatas. **Entrevista com alguns profissionais da educação do Paraná.** Reportagem para o Jornal Gazeta do Povo de Curitiba – Pr, publicado no dia 25 de julho de 2013, quinta-feira. Caderno de Educação, p. 12.

MARTINS, Clélia A. **introdução: Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático.** In: KANT. São Paulo: Iluminuras, 2009.

OLIVEIRA, Mário Nogueira. **A filosofia da Educação de Kant e o ensino da virtude.** *Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 447-460, set./dez. 2004.*

OLIVEIRA, F. Paulo. **A disciplina na pedagogia de Kant - uma contribuição Moderna para a discussão de problemas contemporâneos.** Trabalho publicado nos Anais do XVII Congresso Nacional do CONPEDI, realizado em Brasília – DF. nos dias 20, 21 e 22 de novembro de 2008, pp. 4831 – 4846.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Filosofia para a Educação Básica.** Curitiba, 2007.

PINHEIRO, Celso de Moraes. **Kant e a educação em Kant:** reflexões filosóficas. Caxias do Sul: Educus, 2007.

PHILONENKO, A. **introdução: Kant e o problema da educação.** In: KANT, I. *Reflexões sobre a educação.* Paris: Vrin, 2000.

SANTOS, ROBINSON Dos. **Educação moral e civilização cosmopolita: atualidade da filosofia prática de Kant.** *Revista Iberoamericana de Educación* (ISSN: 1681-5653) n.º 41/4 – 10 de febrero de 2007, EDITA: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI).

VAYSSE, Jean Marie. **Vocabulário de Immanuel Kant:** Tradução de Cláudia Berliner; São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012 (COL. Vocabulário dos Filósofos).